



KAREN SUELEN VIEIRA DE SOUZA

**ARQUEOLOGIA DE SERTÃO: RAÍZES ENERGÉTICAS DA
CHESF NO COTIDIANO PAULOAFONSINO.**

PAULO AFONSO - BA

2025



KAREN SUELEN VIEIRA DE SOUZA

**ARQUEOLOGIA DE SERTÃO: RAÍZES ENERGÉTICAS DA
CHESF NO COTIDIANO PAULOAFONSINO.**

Artigo apresentado ao Colegiado de Arqueologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Arqueologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Jamile Silva Silveira.

PAULO AFONSO - BA

2025



KAREN SUELEN VIEIRA DE SOUZA

ARQUEOLOGIA DE SERTÃO: RAÍZES ENERGÉTICAS DA CHESF NO COTIDIANO PAULOAFONSINO.

Artigo apresentado ao Colegiado de Arqueologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Arqueologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Jamile Silva Silveira.

Aprovado em: 12 de Dezembro de 2025

Banca examinadora:

Orientadora: Jamile Silva Silveira.

Titulação: Licenciatura em História (UEFS)

Mestra em História Social (UFBA)

Doutora em História pela (Universidade de Coimbra/UFBA)



Examinadora: Juliana Ribeiro dos Santos Costa

Bacharela em Arqueologia (UNEB)

Especialista em Arqueologia e Patrimônio (Futura)

Especialista em Gestão Social e Políticas Públicas do Patrimônio Cultural (UFBA).

Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGEAFIN/UNEB)

Examinadora: Maria Cleonice de Souza Vergne

Graduada em História (UFS)

Mestra em História (UFPE)

Doutora em Arqueologia (USP)

Pós -Doutora em Direito (UFBA)

Especialista em Gestão Social e Políticas públicas do Patrimônio Cultural (UFBA)



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos doze dias do mês de dezembro do ano de 2025, no Prédio Caminho da Caatinga da Universidade do Estado da Bahia no Campus VIII, situado na Rua do Bom Conselho, 179, na sala de vídeo de videoconferência na cidade de Paulo Afonso – BA, às 09:30 horas, reuniu-se a banca examinadora composta pelos membros:

Jamile Silva Silveira (Orientadora), Dra. em História pela (Universidade de Coimbra/UFBA). Juliana Ribeiro dos Santos Costa, Arqueóloga Mestre (PPGEAFIN/UNEB) e Maria Cleonice de Souza Vergne, Pós -Doutora em Direito (UFBA),

Em seguida, dando início ao evento, a professora Jamile Silva Silveira convocou a aluna: Karen Suelen Vieira de Souza para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: **ARQUEOLOGIA DE SERTÃO: RAÍZES ENERGÉTICAS DA CHESF NO COTIDIANO PAULOAFONSINO**. com o tempo de 20 minutos para explanação e 30 minutos, para arguição da banca examinadora tendo cada participante o tempo de 15 minutos. Após esse período, o Presidente da banca examinadora, solicitou a saída do aluno e demais presentes para o fechamento da nota com os outros membros da banca. Em recinto fechado, a banca examinadora aprovou o Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Karen Suelen Vieira de Souza atribuindo nota **10(dez)** a referida aluna, conferindo-lhe parcialmente o grau de Bacharel em Arqueologia, tendo o mesmo o prazo de 30 (trinta) dias a contar com a data de apresentação para efetuar as considerações sugeridas pela banca e desde que aprovada pelo orientador, deverá entregar ao Colegiado de Arqueologia: 01 (uma) cópia do TCC em capa dura na cor preta e um arquivo da versão final do referido TCC em formato de pdf enviado ao e-mail institucional do referido Colegiado, desde que tenha o aval do respectivo orientador. O não cumprimento deste prazo impedirá a colação de grau do (a) mesmo (a). Não havendo mais nada a tratar, o Presidente da banca finalizou a sessão. Eu, Jamile Silva Silveira servindo como secretário (a) “ad doc” lavrei a seguinte ata que depois de lida e se aprovada será assinada pela banca examinadora, o (a) aluno (a) e demais presentes.

Paulo Afonso, 12 de dezembro de 2025.

Profª Dra. Jamile Silva Silveira (Orientadora)

Arqueóloga Mestre Juliana Ribeiro dos Santos (Membro Externo)

Profª Dra. Maria Cleonice de Souza Vergne (Membro Externo)



AGRADECIMENTOS

Com este trabalho, concluo uma fase da minha vida que, embora repleta de desafios, também me proporcionou momentos de muita felicidade. Está grande realização foi possível graças a uma rede de apoio sólida e amorosa que sempre esteve ao meu lado, permitindo-me transformar este sonho em realidade.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão à minha orientadora, Prof.^a Dra. Jamile Silva Silveira, por sua dedicação e acolhimento. Mesmo diante da intensa correria do dia a dia, esteve sempre presente, oferecendo orientação e apontando caminhos fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço imensamente aos meus pais ao meu irmão e avós, que sempre me deram suporte incondicional. Um agradecimento especial à minha “vovó Nanã”, que, mesmo não compreendendo completamente o que eu estava fazendo, nunca deixou de acreditar que era para o meu bem e sempre diz: “Se não der certo, minha fia, você tenta de novo!” Essas palavras se tornaram um farol de perseverança para mim.

Ao meu companheiro de vida, Matheus, e à minha sogra, Nadja, sou eternamente grata pelo carinho, apoio e dedicação. Agradeço o cuidado com nosso tesourinho, especialmente nos momentos em que precisei estar ausente.

As minhas amigas de turma, Ana Clara e Diovana Dionila, um agradecimento profundo por acreditarem em mim, mesmo nos momentos mais difíceis. Vocês me fizeram entender que eu era capaz de superar qualquer obstáculo. Juntas, nos tornamos as “três cavaleiras do apocalipse” e vivemos momentos inesquecíveis. Levarei esses momentos e nossa amizade para sempre em meu coração.

Não posso deixar de agradecer também aos funcionários da UNEB, especialmente a Glenda, Joelmir, Larissa, Binho e Emily, que me acolheram com tanta disposição e generosidade. Lembrarei sempre de vocês com muito carinho.

Por fim, e de maneira mais importante, agradeço à minha filha, Moema Vieira Ferreira Tenório. Sua presença em minha vida foi a maior fonte de motivação e força. Graças a você, aprendi a acreditar que, através de cada sacrifício, estou construindo um futuro melhor para nós.

A todos que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste sonho, meu sincero e imenso agradecimento.



*“firmando os pés na terra
da magia.”*

Hino de Paulo Afonso.



RESUMO

Este trabalho examina a modernização promovida pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) como eixo estruturante das transformações históricas, culturais e materiais na região de Paulo Afonso. A partir de meados do século XX, a atuação da empresa introduziu tecnologias e racionalidades industriais que remodelaram profundamente a paisagem do Rio São Francisco, desencadeando processos de globalização nos quais saberes e práticas locais foram reinterpretados, incorporados ou tensionados pela nova ordem técnica em implantação. A Cachoeira de Paulo Afonso, antes celebrada como força natural e símbolo do sertão, foi integrada ao projeto nacional de desenvolvimento energético, adquirindo novos significados tanto no imaginário regional quanto no discurso estatal. Esse movimento converteu a área em um espaço híbrido, onde elementos tradicionais e práticas tecnológicas avançadas passaram a coexistir e a influenciar-se mutuamente. Metodologicamente, a pesquisa fundamenta-se em bibliografia especializada em livros e artigos produzidos por autores dedicados à temática, embora ainda constituam um conjunto relativamente reduzido, oferecem suporte teórico-metodológico sólido para a análise proposta. A opção por essa abordagem documental e interpretativa, articulada ao campo da Arqueologia Histórica, mostra-se fundamental para ampliar a compreensão sobre a região e sobre os processos de transformação que a moldaram ao longo do tempo. Sob essa perspectiva, o estudo investiga como a cultura material produzida pela CHESF (usinas, estruturas industriais, equipamentos, edificações e paisagens transformadas) permite compreender não apenas a modernização física, mas também seus impactos sociais, simbólicos e ambientais. A análise da paisagem cultural, que engloba a Usina Angiquinho, o complexo hidrelétrico e os vestígios das diferentes fases de trabalho, evidencia como esses elementos foram incorporados à memória e à identidade locais, ao mesmo tempo em que revelam conflitos, resistências e negociações diante do avanço tecnológico. No século XXI, a região consolidou-se como patrimônio natural e cultural, tornando-se foco de turismo e de debates sobre preservação. A arqueologia oferece, assim, uma leitura crítica dessas dinâmicas, iluminando os processos de mudança que moldaram o sertão nordestino e



destacando o papel central da modernização energética na reconfiguração do território e das formas de vida social.

Palavra-chave: Cachoeira de Paulo Afonso, Identidade Cultural, Arqueologia Histórica, Arqueologia de Sertão.



ABSTRACT

This paper examines the modernization promoted by the São Francisco Hydroelectric Company (CHESF) as a structuring axis of historical, cultural, and material transformations in the Paulo Afonso region. From the mid-20th century onward, the company's activities introduced technologies and industrial rationalities that profoundly reshaped the landscape of the São Francisco River, triggering globalization processes in which local knowledge and practices were reinterpreted, incorporated, or challenged by the new technical order being implemented. The Paulo Afonso Waterfall, once celebrated as a natural force and symbol of the hinterlands, was integrated into the national energy development project, acquiring new meanings both in the regional imagination and in state discourse. This movement turned the area into a hybrid space, where traditional elements and advanced technological practices began to coexist and influence each other. Methodologically, the research is based on bibliographies in books and articles produced by authors dedicated to the subject. Although still relatively limited, they provide solid theoretical and methodological support for the proposed analysis. The choice of this documentary and interpretive approach, articulated with the field of Historical Archaeology, proves fundamental to broadening the understanding of the region and the transformation processes that have shaped it over time. From this perspective, the study investigates how the material culture produced by CHESF (plants, industrial structures, equipment, buildings, and transformed landscapes) allows for the understanding not only of physical modernization but also of its social, symbolic, and environmental impacts. The analysis of the cultural landscape, which encompasses the Angiquinho Plant, the hydroelectric complex, and the remnants of different phases of work, demonstrates how these elements have been incorporated into memory and identity, while also revealing conflicts, resistances, and negotiations in the face of technological advancement. In the 21st century, the region established itself as a natural and cultural heritage site, becoming a focus of tourism and debates about preservation. Archaeology thus provides a critical reading of these dynamics, illuminating the processes of change that have shaped the northeastern hinterland and highlighting the central role of energy modernization in the reconfiguration of the territory and social ways of life.



Keyword: Paulo Afonso Waterfall, Cultural Identity, Historical



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. UMA ANÁLISE DA HISTÓRIA DA CACHOEIRA DE PAULO AFONSO DESDE O SÉCULO XIX E A CONSTRUÇÃO DESSE ÍCONE.....	15
2. ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DA MÚSICA “PAULO AFONSO” DE LUIZ GONZAGA	19
3. CONCEITOS DA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA E SEUS POSSÍVEIS DIÁLOGOS COM A REALIDADE PAULOAFONSINA	21
4. OS MÚLTIPLOS OLHARES DA ARQUEOLOGIA À REALIDADE CONTEMPORÂNEA DE PAULO AFONSO	25
CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS.....	29



INTRODUÇÃO

A construção da Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso, promovida pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), constitui um marco histórico na transformação do sertão nordestino, modificando de maneira profunda tanto a paisagem natural quanto as dinâmicas socioculturais da região. Situada no rio São Francisco, a usina alterou o curso natural do rio, criando reservatórios artificiais que submergiram sítios arqueológicos e históricos, além de reconfigurar a identidade regional ao impulsionar o desenvolvimento econômico e social por meio da ampliação do acesso à energia elétrica.

O estudo da modernização promovida pela CHESF é fundamental para compreender a formação histórica, social e simbólica de Paulo Afonso e de outras regiões do São Francisco. Embora a bibliografia sobre desenvolvimento energético e políticas de modernização no Brasil seja ampla, ainda são relativamente poucos os trabalhos que tratam desses processos a partir da perspectiva da Arqueologia Histórica, com foco na cultura material e nas transformações da paisagem cultural.

A presente pesquisa fundamenta-se em obras bibliográficas, livros e artigos, produzidas por autores engajados na temática, que, embora representem um conjunto ainda reduzido, fornecem uma base teórico-metodológica consistente para estudo. Desenvolver esta pesquisa no campo da arqueologia revela-se de extrema importância para a ampliação da compreensão acerca da região e de seu processo histórico de transformação.

A relevância desse processo é expressa também na cultura popular, como exemplificado na música Paulo Afonso, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas (1955), que enaltece a obra da CHESF como símbolo de progresso. A canção destaca a importância da hidrelétrica para o desenvolvimento agrícola, para a geração de empregos e para o enfrentamento da seca, demonstrando sua relação com os projetos de modernização implementados no país, sobretudo na década de 1950. Nesse contexto, a música tornou-se um instrumento de propaganda estatal, reforçando a identidade nordestina e o orgulho local ao apresentar o sertão como um espaço de modernização e superação da pobreza.



A identidade regional e o desenvolvimento do projeto energético articulam-se estreitamente com a história da Cachoeira de Paulo Afonso, elemento central para a formação identitária local. Desde sua descoberta pelos portugueses em 1501 até as intervenções da CHESF, a cachoeira consolidou-se como símbolo de força natural, sendo reconhecida ao longo dos séculos como ponto de referência cultural e econômica.

Diante disso, o objetivo principal desta pesquisa consiste em compreender a influência da Companhia Hidrelétrica do São Francisco no contexto da arqueologia histórica, analisando os impactos sociais, culturais e ambientais decorrentes de sua atuação e a forma como tais elementos são evidenciados e interpretados por meio de vestígios arqueológicos. Busca-se, ainda, investigar de que maneira a construção da CHESF impactou o imaginário socioeconômico e cultural dos habitantes de Paulo Afonso em relação à Cachoeira de Paulo Afonso.

A partir da análise da paisagem cultural que abrange tanto os vestígios materiais relacionados à usina quanto elementos naturais, como a própria cachoeira, é possível reconstruir as transformações vivenciadas pelo sertão, considerando desde as alterações infraestruturais até a ressignificação das identidades locais.

Com este trabalho, pretende-se compreender os impactos da CHESF sobre as gerações que já viveram e que ainda vivem na região, analisando como suas experiências e memórias dialogam com o processo histórico de transformação local. Ao abordar as múltiplas dimensões dessas mudanças, a arqueologia oferece um olhar crítico sobre a forma como a história regional se relaciona com o presente, ressaltando a importância da preservação e da valorização do patrimônio cultural e natural no contexto contemporâneo de Paulo Afonso.

1. UMA ANÁLISE DA HISTÓRIA DA CACHOEIRA DE PAULO AFONSO DESDE O SÉCULO XIX E A CONSTRUÇÃO DESSE ÍCONE.

A Cachoeira de Paulo Afonso, localizada no rio São Francisco, é um dos principais ícones do sertão nordestino, cuja importância transcende o seu valor geográfico e natural, sendo um ponto central para compreender as complexas interações entre processos históricos, culturais e econômicos que moldaram a região



ao longo dos séculos. O impacto da cachoeira, tanto em termos simbólicos quanto práticos, vai muito além de suas águas turbulentas e imponentes, sendo um reflexo da luta do sertanejo, da relação de resistência com o ambiente e da transformação contínua que a região tem sofrido devido a fatores externos e internos.

Figura 1: *Cachoeira de Paulo Afonso.*



Fonte: Equipe Brasileira Iconográfica.¹

Desde os primeiros registros históricos, o rio São Francisco se destacou como um eixo vital para a ocupação e a integração territorial do Brasil. Em um contexto em que muitas bacias hidrográficas do Sul e Sudeste estavam dificultadas por serras e matas densas, o São Francisco representava uma "estrada natural", conectando não apenas os estados do Pernambuco, Alagoas e Bahia, mas também diferentes realidades socioeconômicas, culturais e políticas. A navegação no São Francisco facilitava o transporte de pessoas, gado e mercadorias, sendo crucial para o desenvolvimento do sertão e sua integração ao restante do país (CARVALHO, 1937).

¹ Disponível em: [Obras | Brasileira Iconográfica](#)



Além disso, o rio sempre teve um papel simbólico muito forte para as comunidades ribeirinhas, servindo como um elemento de identidade e unidade para as populações que habitam suas margens, muitas das quais desenvolveram uma relação simbiótica com o rio, dependendo dele para sua subsistência e cultura.

Antes da chegada dos colonizadores portugueses, a região ao redor da Cachoeira de Paulo Afonso já era habitada por diversos povos indígenas, como os Pankararé e outros grupos. Para essas populações, o rio São Francisco era conhecido como "Opará", que pode ser traduzido como "rio-mar", um reflexo da imensidão e importância que esse curso d'água tinha para sua economia de subsistência e para a realização de rituais religiosos. A pesca, a caça e a agricultura de subsistência eram as principais atividades econômicas dessas comunidades, que viviam de maneira harmônica com a natureza ao redor do rio. O ciclo da cheia e da seca do São Francisco era integrado aos rituais e às crenças espirituais desses povos, tornando o rio um ser sagrado, intimamente ligado à sua visão de mundo (SOUZA, 2003).

Com a chegada dos portugueses no século XVIII, a dinâmica da ocupação na região começou a mudar. O sertanista Paulo Viveiros Afonso recebeu, em 1725, uma concessão de terras às margens do São Francisco, o que resultou no surgimento do arraial Tapera de Paulo Afonso. A Tapera tornou-se um ponto de passagem para as boiadas e viajantes que se deslocavam entre as províncias de Pernambuco e Bahia, consolidando-se como entreposto comercial fundamental para o sertão nordestino. Esse arraial representava uma espécie de ponto de conexão entre o mundo rural e o emergente comércio do século XVIII, sendo um núcleo essencial para a formação das cidades do interior do Brasil (SOUZA, 2003).

Foi no século XIX que a visibilidade da Cachoeira de Paulo Afonso aumentou significativamente. Artistas, escritores e viajantes começaram a retratar suas paisagens exuberantes, e a cachoeira passou a ser uma referência literária e cultural no Brasil. O poeta Castro Alves, por exemplo, fez a famosa descrição da paisagem como sendo a "briga colossal dos elementos", um retrato da força incontrolável da natureza, que impressionava aqueles que a viam pela primeira vez. Além disso, jornais como O Jornal da Bahia e Diário de Pernambuco passaram a publicar reportagens sobre a cachoeira, destacando não apenas sua beleza natural, mas também o potencial econômico e estratégico que ela representava para a navegação



e a utilização das águas do São Francisco. O imperador Dom Pedro II, em sua famosa visita a região em 1859, fez registros minuciosos sobre a geografia, a fauna e a flora da região, além de apontar o grande potencial energético da área, antevendo a possibilidade de utilização das quedas d'água para geração de energia (ALVES, 1876; CARVALHO, 1937).

No início do século XX, o industrial Delmiro Gouveia se destacou como um pioneiro na exploração do potencial energético da Cachoeira de Paulo Afonso. Em 1913, Gouveia fundou a Usina Angiquinho em Pedras, Alagoas, a primeira usina hidrelétrica a utilizar as águas do São Francisco para geração de eletricidade na região. Essa iniciativa não apenas colocou o sertão nordestino no mapa da “modernização industrial”, como também desafiou as dificuldades logísticas e as limitações de transporte e comunicação que caracterizavam a região naquela época. A construção de usinas e a oferta de eletricidade representaram uma verdadeira revolução para a economia local e abriram caminho para o surgimento de outras iniciativas industriais, refletindo o crescente interesse nacional pela integração do Nordeste ao processo de industrialização do país (SOUZA, 2003). A mídia da época, como O Estado de S. Paulo e o Jornal do Comércio, destacaram as realizações de Gouveia, contribuindo para a propagação da ideia de que o sertão nordestino poderia, sim, se transformar em um polo de inovação e desenvolvimento, longe do estigma de terra árida e improdutiva.

A criação da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), em 1945, consolidou ainda mais o protagonismo da Cachoeira de Paulo Afonso no contexto da energia nacional. A construção das usinas Paulo Afonso I, II e III, ao longo da década de 1950 e 1960, não só transformou a paisagem natural da região, com a construção de reservatórios e barragens, como também promoveu uma verdadeira revolução no setor energético do Brasil. Essas usinas passaram a abastecer grande parte do Nordeste, impulsionando o desenvolvimento das cidades e promovendo o aumento populacional na região.

A instalação dessas usinas gerou um intenso fluxo migratório, trazendo trabalhadores de diversas partes do Brasil para a região, o que resultou em um processo de miscigenação cultural muito visível na música, na culinária, no idioma e nas festas populares de Paulo Afonso. A CHESF, com o apoio do governo federal,



tornou-se um dos motores de transformação do sertão nordestino, sendo um exemplo de como a energia pode ser um vetor de desenvolvimento, mas também de novas tensões sociais e ambientais.

Além de seu papel como polo energético e industrial, a região de Paulo Afonso também carrega uma rica memória arqueológica e cultural. As pesquisas arqueológicas realizadas nas margens do São Francisco revelaram um contínuo registro de ocupação humana, desde os grupos indígenas até os processos de colonização. Os Pankararé, os Kariri-xocó e outras comunidades indígenas ainda mantêm uma relação simbólica e espiritual com o rio e a cachoeira, preservando tradições ancestrais ligadas à pesca, à caça e aos rituais religiosos. A arqueologia histórica é uma ferramenta fundamental para compreender como essas comunidades interagiram com o ambiente e com os colonizadores portugueses, mantendo suas práticas culturais vivas, apesar das transformações que ocorreram ao longo do tempo (MACHADO, 2010; SILVA, 2015).

O turismo contemporâneo tem se consolidado como uma importante atividade econômica na região, tornando a Cachoeira de Paulo Afonso um ponto turístico de grande interesse. A valorização de pontos históricos, trilhas e museus locais oferece uma oportunidade para entender a complexidade da região, unindo a grandiosidade natural da cachoeira com a narrativa de sua ocupação e transformação ao longo dos séculos. A preservação das memórias locais, por meio do turismo sustentável, é vista como uma forma de manter viva a identidade cultural da região.

A trajetória da Cachoeira de Paulo Afonso é um exemplo de como a natureza e a história se entrelaçam para formar uma identidade única e rica. Desde sua presença na literatura e nas artes no século XIX até seu papel central no processo de modernização e desenvolvimento energético do Brasil, a cachoeira é um símbolo de resistência, força e transformação. Sua importância vai além da geografia; ela é uma metáfora da resistência do sertão nordestino e de sua capacidade de se reinventar ao longo dos tempos, seja diante da ocupação colonial, das iniciativas industriais ou dos desafios contemporâneos de preservação ambiental e desenvolvimento sustentável. O São Francisco, como eixo estruturante do sertão, continua a ser uma fonte de recursos, um símbolo cultural e um desafio ambiental, mantendo-se relevante não apenas para a memória histórica, mas também para os desafios do futuro.



2. ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DA MÚSICA “PAULO AFONSO” DE LUIZ GONZAGA

A música “**Paulo Afonso**”, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, constitui um importante vestígio imaterial para compreender as transformações socioculturais associadas à construção da Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso, a partir de meados do século XX. Como documento histórico, a canção reúne elementos simbólicos que permitem reconstruir percepções coletivas sobre o processo de modernização no sertão nordestino.

Logo no início, os versos que citam Delmiro Gouveia, Apolônio Sales, Getúlio Vargas e Dutra inscrevem a obra em uma genealogia de iniciativas regionais e nacionais. Essa narrativa funciona como registro oral que legitima a intervenção estatal e participa da construção simbólica da paisagem (FUNARI; ORSER, 2006). Em seguida, a menção à inauguração da usina por Café Filho reforça o enquadramento do empreendimento no discurso desenvolvimentista dos anos 1940-1950, ilustrando a ideia de “paisagem como tarefa” proposta por Ingold (1993).

A valorização dos trabalhadores aparece na figura do “cassaco”, operário da CHESF, cuja presença evidencia dimensões cotidianas e subalternas da obra, frequentemente ausentes em documentos oficiais (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2008). A música também ressignifica a Cachoeira de Paulo Afonso ao apresentá-la como portadora de uma mensagem de progresso, exemplificando a mudança de significado dos elementos naturais quando integrados a grandes projetos de infraestrutura (Tilley, 1994).

Versos como “Vejo a indústria gerando riqueza / Findando a seca, salvando a pobreza” registram o imaginário otimista da época, revelando expectativas sociais diante da chegada da energia elétrica. O refrão “O Brasil vai” reforça a ideia de avanço contínuo, e, segundo a arqueologia sensorial (HAMILAKIS, 2013), o próprio ritmo do baião atua na construção emocional dessa mensagem.

Por fim, relatos de moradores antigos indicam que Luiz Gonzaga se apresentou na região durante a consolidação da usina, fortalecendo o vínculo entre sua obra e a paisagem local. Tais testemunhos contribuem para compreender como práticas culturais e narrativas circularam e ajudaram a moldar a identidade regional associada à CHESF.



Figura 2: Luiz Gonzaga na Rua Da Frente, em 1976.



Fonte: Acervo João de Sousa Lima²

Assim, a música constitui documento essencial para compreender a transformação da paisagem pauloafonsina, o imaginário social produzido pela CHESF, as identidades locais associadas ao trabalho operário e a ressignificação simbólica da Cachoeira de Paulo Afonso. Enquanto vestígio imaterial, complementa a análise dos vestígios materiais, permitindo reconstruir não apenas o que mudou no território, mas como essas mudanças foram sentidas, interpretadas e incorporadas pelas populações envolvidas.

3. CONCEITOS DA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA E SEUS POSSÍVEIS DIÁLOGOS COM A REALIDADE PAULOAFONSINA

A arqueologia histórica, ao integrar vestígios materiais e fontes documentais, oferece instrumentos analíticos fundamentais para a compreensão crítica das sociedades do passado recente, permitindo a revisão de narrativas tradicionais e a identificação de dinâmicas sociais nem sempre plenamente registradas nos

²Disponível em: [Facebook](#)



documentos escritos (FUNARI, 1999). No caso da região de Paulo Afonso, essa abordagem revela como a construção da identidade local está profundamente vinculada à interação entre paisagem, cultura material e memória social. O rio São Francisco, as quedas d'água, as antigas trilhas de viajantes e as ruínas de antigas habitações constituem elementos que expressam práticas de ocupação e significação cultural do território. Como destaca Funari (2003), a arqueologia histórica possibilita articular materialidade e narrativas textuais, permitindo compreender comunidades do passado recente por meio de seus registros tangíveis e simbólicos.

A paisagem sertaneja, marcada por suas características naturais e pelas alterações humanas ao longo dos séculos, pode ser compreendida à luz do conceito de paisagem cultural, segundo o qual os espaços resultam da interação contínua entre processos sociais e naturais (SCHIFFER, 1987). Nesse sentido, o rio São Francisco, frequentemente descrito como “rio-mar”, não constitui apenas um recurso hídrico, mas um elemento estruturador da identidade regional. Suas águas, suas margens e suas transformações ao longo do tempo deixaram marcas que a arqueologia pode interpretar por meio de vestígios como sedimentos alterados, ruínas de edificações ribeirinhas, trilhas antigas, objetos dispersos e estruturas associadas à ocupação humana. Esses elementos evidenciam tanto práticas de sobrevivência quanto formas de apropriação do ambiente sertanejo.

A memória coletiva atua como mediadora na construção simbólica do território, atribuindo significados a marcos naturais como as “Cachoeiras Grandes” e as “Furnas do Morcego”, frequentemente mencionados na tradição oral e em documentos locais (GALDINO, 1995). O papel da arqueologia histórica, nesse contexto, consiste em analisar e preservar tais referências como parte de um patrimônio cultural que articula o imaginário regional e os vestígios materiais. A presença de personagens históricos, como D. Pedro II, Lampião e Maria Bonita, enriquece o quadro interpretativo, permitindo o cruzamento entre fontes escritas, relatos orais e evidências arqueológicas. A análise espacial de rotas, o mapeamento de estruturas abandonadas e a investigação de objetos associados às atividades desses grupos possibilitam confirmar, questionar ou ressignificar narrativas estabelecidas.



Figura 3 – Ruínas da Usina Angiquinho e Furna do Morcego. 2018.



Fonte: autoria própria.

Figura 4 – Ruínas da Usina Angiquinho e Cachoeira de Paulo Afonso (2022).



Fonte: autoria própria.

A modernização da região, especialmente com a construção da Usina Angiquinho em 1913 e, posteriormente, do complexo hidrelétrico da CHESF, representa um marco transformador que alterou profundamente o espaço e as relações sociais. A iniciativa de Delmiro Gouveia, pioneira no aproveitamento do potencial energético das quedas d'água do São Francisco (GALDINO, 2020), inaugurou um período de intensas transformações tecnológicas, econômicas e culturais. A arqueologia histórica permite identificar e interpretar os vestígios dessa modernização por meio das vilas operárias, das instalações industriais, dos maquinários remanescentes, dos objetos do cotidiano dos trabalhadores e das



modificações na paisagem natural. Esses registros revelam a convivência entre sertanejos locais e trabalhadores provenientes de diferentes regiões, resultando na formação de novas identidades culturais, entre elas a figura simbólica do “Homem de Paulo Afonso”, que expressa a fusão entre práticas tradicionais e modos de vida introduzidos pelo processo de industrialização.

O sertão nordestino, entretanto, não se define apenas por processos de modernização, mas também por movimentos de resistência. A caatinga foi cenário de episódios marcantes, como o cangaço, a passagem da Coluna Prestes e a Guerra de Canudos, eventos que, embora frequentemente tratados apenas como conflitos militares ou políticos, podem ser interpretados arqueologicamente como expressões de resiliência frente às desigualdades sociais e à violência estatal (CUNHA, 1902; QUEIROZ, 1977; PRESTES, 1997). Embora Canudos não esteja localizada na área imediata de Paulo Afonso, sua análise fornece um importante paralelo para compreender as dinâmicas sertanejas mais amplas. Estudos arqueológicos, como aqueles apresentados por Santos (2015), demonstram que a cultura material de Canudos composta por restos de habitações, fragmentos de objetos pessoais, estruturas defensivas e evidências de confrontos, permite revisar interpretações tradicionais, muitas vezes marcadas por estigmatização e distorções historiográficas. A arqueologia revela práticas cotidianas, modos de organização social e estratégias de resistência que não aparecem nos relatos oficiais.

Ao confrontar documentos escritos com cultura material, a arqueologia histórica atua como mediadora entre narrativas hegemônicas e histórias silenciadas. Descrições clássicas, como as de Euclides da Cunha (1902), embora relevantes, refletem perspectivas externas e condicionadas por discursos militares e científicos da época. A análise arqueológica permite questionar esses pressupostos, oferecendo interpretações mais plurais e sensíveis à realidade dos grupos sertanejos. Esse mesmo raciocínio pode ser aplicado a Paulo Afonso, onde a compreensão da formação territorial, das rotas do cangaço, das transformações provocadas pelas usinas e das práticas cotidianas das populações locais depende do cruzamento entre fontes diversas e da leitura crítica da materialidade existente no território.

Dessa forma, a análise arqueológica da região evidencia a complexidade dos processos históricos que moldaram o sertão baiano, revelando um espaço dinâmico



e continuamente resignificado por práticas de resistência, modernização e interação com a paisagem. Contribuindo não apenas para aprofundar a compreensão da formação identitária regional, mas também para problematizar discursos hegemônicos sobre o sertão, trazendo à tona aspectos pouco explorados do passado e oferecendo subsídios importantes para debates contemporâneos sobre preservação patrimonial, desenvolvimento socioambiental e gestão territorial. Nesse sentido, o sertão de Paulo Afonso configura-se como uma paisagem viva, cuja história continua a se transformar e cuja interpretação depende da integração crítica entre materialidade, memória e narrativa.

4. OS MÚLTIPLOS OLHARES DA ARQUEOLOGIA À REALIDADE CONTEMPORÂNEA DE PAULO AFONSO

A construção das barragens pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) alterou de maneira profunda e duradoura a dinâmica natural do Rio São Francisco e da Cachoeira de Paulo Afonso. Áreas anteriormente utilizadas para pesca, agricultura de subsistência e práticas simbólicas foram transformadas em reservatórios artificiais, restringindo, em grande parte, o acesso direto à paisagem natural original. Esse processo resultou na perda de sítios arqueológicos e históricos, incluindo possíveis áreas de ocupação indígena e de grupos tradicionais, hoje submersos ou comprometidos. (VERGNE et al.).



Figura 5 – *Complexo Paulo Afonso 1,2,3.*



Fonte: Aníbal Nunes.

O impacto sociocultural também foi significativo. A chegada de trabalhadores de diversas regiões do país para atuar nas obras da CHESF gerou uma nova configuração demográfica e cultural na região. Comunidades locais foram deslocadas, enquanto novos bairros planejados foram construídos para abrigar os funcionários da companhia, criando um ambiente de intensa interação multicultural (Silveira, 2025; Oliveira, 2023). Essas dinâmicas deram origem a práticas sociais híbridas que ainda moldam o cotidiano de Paulo Afonso (Silveira, 2025).

A infraestrutura monumental construída pela CHESF e a paisagem transformada pela industrialização constituem hoje um patrimônio cultural de grande relevância, merecedor de estudo e preservação. A usina hidrelétrica, suas barragens, canais e casas de força podem ser classificados como patrimônio industrial, representando um marco na história da engenharia e do desenvolvimento energético no Brasil (Silveira, 2025). Mesmo parcialmente controlada pela barragem, a Cachoeira de Paulo Afonso permanece como um símbolo visual e histórico de grande importância para a identidade local (Silveira, 2025). A arqueologia da paisagem contribui para compreender o papel simbólico e afetivo da cachoeira na memória coletiva, analisando suas representações em relatos orais, iconografia, literatura e no imaginário popular.



A preservação e valorização desse patrimônio exigem ações integradas de educação patrimonial, que envolvam as comunidades locais no reconhecimento de sua própria história. Projetos que articulem sítios arqueológicos, vestígios da industrialização da CHESF e elementos naturais, como a própria cachoeira, podem construir uma narrativa coesa sobre a formação de Paulo Afonso e seus impactos históricos e culturais. Essas iniciativas também têm potencial para fomentar o turismo sustentável, valorizando a história e a cultura local sem comprometer os recursos patrimoniais. A trajetória da CHESF e suas implicações para Paulo Afonso são fundamentais para a construção da identidade coletiva da cidade, e a arqueologia surge como uma ferramenta estratégica para engajar a população na preservação desse patrimônio compartilhado.

Ações educativas, como oficinas, exposições e visitas guiadas a sítios históricos e naturais, podem divulgar a importância dos vestígios materiais e imateriais associados à hidrelétrica. A participação de jovens e comunidades locais é essencial para reforçar o senso de pertencimento e incentivar a conservação da memória coletiva. Por meio da educação patrimonial, é possível estabelecer pontes entre o passado e o presente, revelando como a história da CHESF continua a influenciar diretamente a vida cotidiana em Paulo Afonso.

A arqueologia do sertão, aplicada ao contexto de Paulo Afonso, revela a profundidade das transformações vividas pela região em consequência da presença da CHESF. Ao investigar a relação entre o passado pré-industrial, os impactos ambientais e sociais e a resignificação cultural da paisagem, são possíveis construir um entendimento mais amplo sobre como a história da cidade dialoga com a contemporaneidade. A Cachoeira de Paulo Afonso, como símbolo natural e cultural, ocupa um lugar central nesse processo, funcionando como elo entre a memória do passado e as projeções de futuro (Galdino, 1995; Santos & Moraes, 2018).

CONCLUSÃO

A pesquisa sobre a influência da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) no cotidiano de Paulo Afonso revelou a complexa dualidade de seus impactos. Por um lado, a chegada da CHESF trouxe desenvolvimento econômico,



modernização e consolidou Paulo Afonso como um importante polo energético nacional. Por outro, gerou deslocamentos populacionais, transformou profundamente a paisagem natural e provocou mudanças culturais que alteraram as dinâmicas sociais da região.

A Cachoeira de Paulo Afonso, que antes era símbolo máximo da força natural do Rio São Francisco e elemento central da memória coletiva local, foi ressignificada dentro do novo cenário industrializado. Contudo, permanece como um marco de valor simbólico e histórico para a cidade. As transformações impostas pela privatização, junto à construção de grandes muros ao redor das áreas ribeirinhas, restringiram o acesso da população ao rio, afetando diretamente o cotidiano e as tradições locais. O rio, que guarda as lembranças de um passado repleto de boas memórias para os nativos, agora se torna um privilégio acessível apenas àqueles com maior poder aquisitivo.

A privatização também impacta o acesso à Cachoeira de Paulo Afonso, um dos maiores símbolos da cidade. Atualmente, o local encontra-se inacessível para grande parte da população, privando as comunidades da possibilidade de vivenciar esse marco histórico e cultural. Além disso, a impossibilidade de acesso compromete a transmissão dessa memória às gerações futuras, que, em sua maioria, sequer tiveram a oportunidade de conhecer esse patrimônio.

A continuidade dos estudos sobre os impactos da CHESF é essencial, especialmente nas áreas de educação patrimonial e sustentabilidade. Iniciativas que promovam a integração das comunidades locais ao processo de preservação do legado cultural e ambiental podem fortalecer o senso de pertencimento e revitalizar a memória coletiva. É fundamental que ações de preservação reconheçam o papel do Rio São Francisco como eixo central da identidade pauloafonsina, promovendo, ainda, o acesso democrático a esse patrimônio natural e cultural.

Embora o trabalho tenha alcançado seus objetivos, algumas limitações foram identificadas, como o acesso restrito a arquivos históricos da CHESF e a necessidade de mais estudos de campo para aprofundar as análises. Futuras pesquisas podem abordar a história das populações diretamente afetadas pela industrialização, bem como realizar comparações com outras regiões que enfrentaram processos semelhantes.



A história de Paulo Afonso, marcada pela força do Rio São Francisco e pelas transformações ocasionadas pela CHESF, é um testemunho das interações complexas entre natureza, tecnologia e sociedade. Compreender essas dinâmicas nos permite interpretar as transformações do presente e planejar um futuro mais equilibrado e consciente, que valorize tanto o patrimônio cultural e natural quanto as necessidades da população.

Por fim, Paulo Afonso permanece como um espaço de memória e história viva, cujos patrimônios cultural e natural guardam ensinamentos valiosos. Garantir que esse legado continue a inspirar gerações futuras exige o envolvimento da comunidade local, o fortalecimento das políticas de preservação e a criação de espaços de diálogo entre passado, presente e futuro. É nessa conexão que reside o verdadeiro potencial de Paulo Afonso: uma cidade cuja história e identidade continuam a dialogar com os desafios e as esperanças do contemporâneo.



REFERÊNCIAS

Bibliográficas

ALVES, Castro. **A Cachoeira**. Rio de Janeiro: Typographia de A. J. Cardoso, 1876.

_____. **Viagem a Paulo Afonso**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora XYZ, 1876.

CARVALHO, Orlando M. **O rio de Unidade Nacional**: O São Francisco. São Paulo: Revista do Brasil, 1937.

CHESF. **Relatório anual 2020**. Recife: Companhia Hidrelétrica do São Francisco, 2020.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: campanha de Canudos. 1. ed. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **A arqueologia e o mundo moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Arqueologia Histórica**: Teoria, método e prática. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo; ORSER, Charles. **Arqueologia Histórica**. São Paulo: Contexto, 2006.

GALDINO, Sérgio. **A construção da Usina Angiquinho e os impactos no sertão nordestino**. Recife: Editora Nordeste, 1995.

GONZAGA, Luiz. **Paulo Afonso**. YouTube, 29 dez. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2hZszDfV6yI>

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. **Time to Destroy**: An Archaeology of Supermodernity. *Current Anthropology*, v. 49, n. 2, 2008.



HAMILAKIS, Yannis. **Archaeology and the Senses: Human Experience, Memory, and Affect**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

INGOLD, Tim. “The Temporality of the Landscape”. **World Archaeology**, v. 25, n. 2, 1993.

MACHADO, Ana L. “Arqueologia histórica do Raso da Catarina: povos indígenas e ocupação colonial”. **Revista Brasileira de Arqueologia**, v. 23, n. 2, p. 45–67, 2010.

OLIVEIRA, Dorival Pereira. **Corpos pretos ao sol e peles brancas às sombras: trabalhadores no sertão do São Francisco, entre o inferno e o paraíso**. 2023. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

PRESTES, Anita Leocádia. **A Coluna Prestes: o avesso da lenda**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Cangaço**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1977.

SANTOS, Maria A.; MORAIS, José L. **História e memória do sertão: uma arqueologia das transformações no Nordeste**. São Paulo: Editora Universidade, 2018.

SCHIFFER, Michael B. **Archaeological Sites and Cultural Landscapes**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SILVA, João P. “Patrimônio cultural e histórico do São Francisco: arqueologia e identidade regional”. **Revista de História e Cultura**, v. 7, n. 1, p. 89–110, 2015.

SILVEIRA, Jamile Silva. “Navegando por águas convergentes: uma história da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF – Brasil) e da Tennessee Valley Authority (TVA – EUA) (1930-1950)”. **História Econômica & História de Empresas**, v. 28, n. 4, 2025.

SOUZA, André Luiz Oliveira Pereira de. **Paulo Afonso: Um Muro, Duas Cidades**. Paulo Afonso: Editora Sertão, 2003.



SOUZA, João. **Delmiro Gouveia e a modernização do sertão**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2020.

TILLEY, Christopher. *A Phenomenology of Landscape*. Oxford: Berg, 1994.

VERGNE, Maria Cleonice de Souza; CARDOSO, Salomão David Vergne; CARDOSO, Manuella Maria Vergne; TOMÁZ, Alzeni de Freitas; SOUZA, Caio Humberto Ferreira Dória de. "Recontado a Pré-História e História do Complexo Angiquinho na Cachoeira de Paulo Afonso". **Revista Ecologias Humanas**, v. 4, n. 4, 2018.

Periódicos

Jornal do Comércio, reportagens sobre energia elétrica no Nordeste, 1910-1940.

O Estado de S. Paulo, matérias sobre industrialização do São Francisco, 1913-1940.

O Jornal da Bahia, artigos sobre turismo e geografia do São Francisco, 1850-1900
